

La nana y el iceberg: o sujeito masculino e a busca de identidade

Aline Dalpiaz Troian
Salette Rosa Pezzi dos Santos
UCS

Pregúntele cómo andaría el mundo si todos nos tratáramos a nuestros semejantes así, de esa manera, todos como Nanas con los demás. Pregúntele.
Ariel Dorfman

Yo pertenecía a aquellos hombres sin hogar.
Ariel Dorfman

Resumo: A literatura latino-americana, atualmente, encontra-se em um estágio de autoafirmação, de busca pela conquista de um espaço próprio, apresentando uma produção de reconhecido valor literário. É o caso da obra *La nana y el iceberg* (1999), do ficcionista argentino Ariel Dorfman. Assim, o presente texto coloca em discussão questões que envolvem o processo de construção da identidade masculina na obra referida, e, para tal, abordam-se aspectos referentes a gênero e identidade, identidades culturais e alteridade, e representação do duplo.

Palavras-chave: *La nana y el iceberg*, gênero e identidade, identidade masculina.

Abstract: *Latin-american literature, in recent times, is found in a stage of self-affirmation, of trying to conquer it's own place, presenting a production with accepted literary value. It's the case of the work La nana y el iceberg (1999), from the Argetinian ficcionista Ariel Dorfman. Therefore, the present paper discusses issues that involve the process of construction of male identity on the named work and, for such, address aspects referring gender and identity, cultural identities and otherness, and the representation of the double.*

Key words: *La nana y el iceberg; gender and identity; male identity.*

Literatura latino-americana: aspectos teóricos

Desde suas origens, a literatura latino-americana configurou-se como um espaço voltado para a representação da alteridade, da multiplicidade. Santiago (1978) destaca que o processo de colonização cultural impingido pelas metrópoles ao cenário latino-americano se impôs violentamente durante séculos, entretanto, a sociedade mestiça que se formou aos poucos, infiltrou os elementos autóctones, desconstruindo a noção de unidade, abrindo espaço para o heterogêneo, tornando possível o caminho da descolonização (SANTIAGO, 1978, p. 17). Isso

resultou a destruição de dois conceitos-chave: unidade e pureza. Dessa forma, configura-se um desvio da norma, que transfigura elementos exportados da Europa para o novo mundo. Também, nesse sentido, “a mestiçagem supõe a convergência de elementos díspares de proveniência europeia, ameríndia e africana, em sua origem, estrangeiros uns aos outros, que se ajustam entre si, reorganizam-se, conferindo-lhes um novo sentido.” (HANCIAU, 2005, p. 131). Passando por diferentes momentos histórico-culturais – desde a busca da representação da chamada cor local, até o desejo de estabelecer uma identidade própria – pleiteando uma dimensão mais global, essa produção literária apresenta-se em um estágio de autoafirmação, de empenho pela conquista de um espaço próprio. (HANCIAU, 2005).

A questão da heterogeneidade, da quebra de paradigmas, do rompimento dos conceitos de pureza e unidade, como já mencionados, são características presentes na literatura latino-americana. Hanciau (2005, p. 127) também observa que, no contexto de um mundo globalizado, no qual a dissolução de fronteiras é tema recorrente, a questão do entre-lugar, espaço encontrado pela literatura latino-americana, torna-se cada vez mais relevante, configurando-se como uma possibilidade de questionamento das formas de imperialismo cultural, no momento em que trabalha para o descentramento de referências únicas, rompendo com esquemas rígidos de unidade e pureza. É na heterogeneidade que surge, segundo a autora, a inovação e a criação, nas relações entre complementaridades e antagonismos, virtualidades e contrariedades, angariando como resultado configurações novas e imprevisíveis. (HANCIAU, 2005, p. 138).

Assim, no atual panorama, a narrativa latino-americana traz representações de diferentes identidades e pontos de vista, das mais variadas esferas sociais, proporcionando a emergência de novos e autênticos olhares. É possível perceber uma

perspectiva renovada, [que] incorpora dimensões abafadas, esquecidas, marginalizadas, [que] assume o ponto de vista do gênero antes excluído de qualquer subjetividade no discurso ideológico hegemônico, marcado pela negação das alteridades, sejam elas de gênero, de raça, ou de classe social, o que tem historicamente significado o desaparecimento de outras identidades culturais que não sejam a do homem branco, heterossexual, pertencente à elite social. (NAVARRO, 2005, p. 198).

À medida que essa produção literária representa as mais variadas identidades, contribui para desestabilizar discursos hegemônicos e abordagens que antes excluíam as alteridades, questionando visões de mundo centralizadoras e unívocas, antes baseadas no conceito de “universal”. Ainda conforme Navarro (2005, p. 198),

através destes romances, publicados na virada do milênio, pretendo delinear um dos aspectos fundamentais desta literatura recente na América Latina: o desejo de incorporar os que antes eram esquecidos, marginalizados, ostracizados, transformando-os em sujeitos pensantes e atuantes, donos de seus destinos e conscientes de suas identidades. Essa questão problematiza a questão da autoridade do discurso tradicional que partia do ponto de vista único, qual seja do homem branco de classe alta. (NAVARRO, 2005, p. 198).

Na esteira dessas considerações, surge *La Nana y el iceberg* (1999), do escritor argentino Ariel Dorfman. Esse romance apresenta muitas dessas características, trazendo à tona representações de sujeitos marginais, em conflito com suas identidades, em um contexto em que as questões históricas e sociais assumem um papel relevante na construção desses indivíduos. A narrativa – uma extensa carta, escrita dias antes dos 500 anos da chegada de Colombo ao continente americano, antes do possível suicídio de Gabriel McKenzie – relata a busca de um jovem por sua identidade. Em sua trajetória, Gabriel irá alternar momentos de identificação com a América Latina, e outros, em que irá afirmar-se “gringo”, nova-iorquino, desejando afastar-se de tudo que o remete ao Chile, continente onde o mito de Che Guevara ainda paira. Nesse percurso, surgem figuras representativas tais como a babá; o mito de Che Guevara, que chega a personificar-se nas páginas finais; o iceberg transportado para Sevilha, o qual, ao final, trata-se de uma mistura de gelo e luzes de diferentes nacionalidades e regiões, demonstrando que origem, pureza e unidade são conceitos incompatíveis com essa América Latina, construída com base em recortes múltiplos; assim como a metáfora da *cazuela*, elemento que poderá equacionar o conflito da unidade e diferença, e possivelmente “salvar” Gabriel.

No processo de busca por uma identidade masculina, revela-se o conflito entre o jovem educado pela mãe, afastado da família chilena desde a infância, que sofre a ausência do pai, e o excesso da presença desse pai como figura intimidadora por sua suposta superioridade. Através da viagem que Gabriel empreende, buscará definir-se em meio a tantas fronteiras: Chile e Nova York, Babá e iceberg, o pai e ele próprio.

Dessa forma, é possível verificar, nessa narrativa, aspectos voltados para questões que dizem respeito às identidades culturais, sua formação, as influências que atuam sobre ela e, principalmente, seu caráter de multiplicidade e amálgama, além de outros traços comuns à literatura latino-americana, tais como a representação do duplo, as referências à história e à política, entrelaçadas a acontecimentos pessoais e familiares e a aspectos que revelam a multiplicidade de olhares e de formas de ser, características presentes na literatura latino-americana.

Região e identidade: fronteiras

As identidades estão sempre em processo de construção. Ainda que ancoradas em supostas estabilidades – representadas por identidades culturais/regionais – há sempre um movimento, sem estagnação, pois elas se formam, conforme Hall (2006), no ponto de sutura entre o rompimento e a continuidade dessas mesmas identidades regionais, ou referências externas, tais como regionalidades.

A literatura, como lugar de representação dessas identidades, revela esse processo em muitas obras. No sistema literário latino-americano, observa-se que há um diálogo relevante com aspectos sociais/regionais em muitas produções, ocorrendo representações de sujeitos marcados por regionalidades, relacionando-se com suas regiões, em conflito ou aceitação, mas, principalmente, em processo de construção de uma identidade vinculada às identidades regionais, seja negando-as, ou incorporando-as em sua subjetividade.

As identidades culturais, segundo Hall (1996, p. 68), refletem experiências históricas e códigos culturais comuns, que fornecem quadros de referência, sentido e unidade estáveis, contínuos, que atravessam as mudanças do tempo e da História. Desse modo, é possível pensar que identidades culturais se apresentam ao sujeito, em seu processo de formação identitária, como uma referência aparentemente estável, um ponto de ancoragem e construção de sentidos, com os quais estará em permanente relação de conflito ou aceitação. Através de posicionamentos, seja de diferença e ruptura, ou de similaridade e continuidade do que está culturalmente posto, uma negociação. E é no movimento de negociação que se estabelece a diferença, elemento que torna os sujeitos heterogêneos. Nessas negociações, por meio de mudanças e transformações contínuas, ocorre a construção da identidade. A diferença que se desenha na negociação é fundamental para a construção das identidades; portanto, a concepção de identidade passa a ser interpretada como um processo que existe através da diferença, e, com ela,

acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas pela relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado “positivo” de qualquer termo – e assim, sua “identidade” – pode ser construído (Derrida, 1981; Laclau, 1990; Butler, 1993). [...] A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta”. (HALL, 2000, p. 110).

Desse modo, a relação que os indivíduos estabelecem com a região cultural atualiza significados, práticas, e por consequência a constrói continuamente, assim como se autoconstitui como sujeito pertencente à determinada cultura, história e espaço. Conforme Joachimsthaler (2009, p. 31),

a condensação do espaço cultural num espaço significativo, em ambos os casos, pressupõe (pelo menos) um sujeito semantizador, que atribui à região uma particularidade como seu sentido. Este sentido constrói identidade, lealdade, proteção e pertencimento, garante e une, prende e protege. Ele consolida mitos regionais (muitas vezes presos a tipos de identificação carregados simbolicamente), estereótipos próprios, mas também ritos e hábitos, particularidades linguísticas e modos de comportamento formadores de hábitos (modos essenciais formados pela corporeidade e formas de tempo livre, até a definição da forma em processos de reação a gestos e feições reagentes a psique e ao espírito) no sujeito e empresta estabilidade ao seu estar presente no local concreto.

Em *La Nana y el iceberg*, é possível observar como a região e suas regionalidades, formadores das identidades culturais, irão contribuir para a construção identitária do jovem Gabriel McKenzie. Alternando momentos de aceitação e continuidade, com negação e ruptura, a personagem questiona, ao longo da trama, seu lugar no mundo, suas raízes, seus pontos de identificação.

Gabriel é levado pela mãe do Chile a Nova York quando ainda menino. No entanto, se, espacialmente, está longe de seu país, sua mãe, Milagros, impede que ele se esqueça de suas origens.

Ela o cerca de referências chilenas: o pôster de Che Guevara no quarto, o restaurante de comida chilena, as reuniões e movimentos em prol dos exilados e presos políticos. Cansado desses símbolos, há momentos em que Gabriel deseja nunca mais voltar ao Chile, e pretende identificar-se com a vida norte-americana, principalmente, deseja sentir-se identificado com a cultura do lugar onde vive:

logré anular esos sonidos y hacer de cuenta que no le debía nada al Che. Que no era verdad que un gigantesco afiche suyo me corroía la vida. Hacer de cuentas que yo era idéntico a esos jóvenes en la calle, ninguna diferencia, uno más de la pandilla. [...] a esos niños morenos norteamericanos les ofrecí el dinero destinado a los periódicos clandestinos y los sindicatos prohibidos y las ollas comunes en las poblaciones. Les entregué Chile con la esperanza de que no me devolvieran ni una parte, para que nunca más tuviera que considerarme parte del destino de ese país. (DORFMAN, 1999, p. 65).

A figura de Che também evocava a de seu pai. Ambos ausentes, presentificados na forma de mitos, representações de perfeição e heroísmo inatingível, construídas por Milagros. Essa ausência-presença o marca profundamente, a ponto de não conseguir assumir sua própria identidade:

ese niño suyo es un desastre”, me dijo el Che apenas yo le conté tus problemas, “y todo por culpa suya, por no haberse rebelado, señora”, y yo tuve que contestarle: es tan niño suyo como mío, don Guevara. Cuando Gabriel llegó hasta mis brazos, usted ya había fracasado con él, le había armado un tete en la cabeza, Che, usted lo dejó confundido con tanta santidad que él no podía imitar, con ese afiche heroico suyo en la pared, toda esa cháchara de cómo de veras el comandante no había muerto. (DORFMAN, 1999, p. 397).

Apagar os mitos que o rondam como fantasmas, identificar-se com a cultura norte-americana lhe parece inicialmente uma forma de encontrar-se. É na diferença, na negação dos valores chilenos e latino-americanos que pretende constituir-se como sujeito:

Durante los cuatro años previos, desde 1979 para ser exacto, había estado nadando en dirección contraria a Chile, tratando de escapar de los chispeantes ojos latinos del Che Guevara, de escapar del continente por el que murió y por el que exigía que quienes lo sobrevivieran también sacrificaran sus vidas, tratando de escapar de este Chile transbordante de muerte. (DORFMAN, 1999, p. 62).

Ao mesmo tempo em que deseja romper com esse país e seu passado, Gabriel acredita que precisa voltar ao Chile, conhecer sua história. Ele crê que sua falta de habilidade com as mulheres advém da ausência do pai, da negação de suas origens, dos mitos que rondam sua existência, anulando-lhe a personalidade: “Algo en mi destino se había torcido definitivamente en ese momento, cuando el grito del ¡Che Guevara! ¡Presente! me había llevado a negar mi continente de origen.” (DORFMAN, 1999, p. 361).

Assim, Gabriel vive em conflito, não sabendo qual caminho seguir. Deseja cortar os laços com qualquer referência que o ligue a uma identidade latino-americana, no entanto, crê que deve buscá-la para formar sua personalidade, resolvendo as questões que o atormentam. A fala do tio

Pancho resume a crença a que Gabriel irá aferrar-se nos próximos meses: “Si quieres hacer el amor en este país, [...] tienes que empezar a enamorarte del país mismo.” (DORFMAN, 1999, p. 131).

No Chile, Gabriel passa a incorporar alguns aspectos considerados como regionalidades, parte da identidade cultural daquela região. Segundo ele, aprendera a mentir, a disfarçar, a manipular. Mas, ao invés de sentir-se parte ou pertencente a algum lugar, ao incorporar esses aspectos, surgem sentimentos ainda mais conflitantes, pois não é possível identificar-se com eles. Gabriel despreza esses valores, rejeita-os, sentindo-se aniquilado e, de algum modo, sem lugar no mundo, deslocado, tal como o Iceberg que fora levado à Sevilha:

De todas las cosas, ésta era la única de veras imperdonable. Mentir, maquinear, maniobrar, todo eso – yo no había hecho ni más ni menos que todos los que me rodeaban en Chile, lo que hacían todos los habitantes de ese país como profesión y vocación, empezando con mis dos padres. Pero dejando que ella agonizara mientras yo me lavaba el olor a sexo y pingón de mi cuerpo, dejándola ahí solo cuando yo pude haber aliviado los cabellos sueltos de los ojos, aun si no hubiese sabido que yo estaba ahí... para esa infidelidad no había perdón. Que yo no hubiera registrado sus últimas palabras o su último silencio. No habría suelo sagrado para mí, ningún lugar en esta tierra que yo pudiera llamar de mío. No quedarían los huesos, ningún país para reclamarme, ningún vástago para recordar mi pasaje y extinción. Como la Antártida misma, salvo que yo no tenía ningún subsuelo escondido, ninguna cordillera rompiendo hacia arriba, ningún volcán furtivo, ninguna isla atiborrada de pingüinos, ningún cormorán o albatrós. Ninguna tibieza. Sólo yo. Hielo fuiste y hielo eres y hielo serás. (DORFMAN, 1999, p. 378).

O sofrimento de Gabriel é sentir-se, de algum modo, sem pátria, com a qual possa identificar-se, sem origem ou referências culturais com as quais possa construir-se; se, por um lado, não consegue integrar-se à identidade chilena, de outro, também não consegue negá-la, como fazia inicialmente. Gabriel não é chileno, não é norte-americano, não é – conforme acredita – nada:

Desde que había llegado al país de mi nacimiento, se me había zarandeando hacia acá y hacia allá y hacia más allá, como una barcaza en un mar atormentado. [...] Como si no hubiera una médula adentro de este Gabriel McKenzie que se había pasado tantos años distantes suponiendo que el mero retorno a Chile arreglaría todo. Pero la personalidad que traje al hogar original no había probado tener más consistencia que la neblina, una semblanza de identidad fijada por un camuflaje astuto pero sin un centro verdadero, como si fuera... sí, hielo que flota en un mar caliente, listo para disolverse, lejos de toda tierra que pudiera revelar dónde quedaba el norte, dónde el sur, cómo anclarme a algo que perdurara y durara, algo menos evanescente que palabras en el rostro de una pantalla. Yo había venido al Chile, me di cuenta, buscando esa tierra firme, en busca de la playa que podía ser mi padre, algún paraje donde desembarcar, aunque fuera el arrecife de un padre, donde naufragar. (DORFMAN, 1999, p. 229).

A comparação com o iceberg evidencia-se em alguns momentos. Quando, ao final, Gabriel planeja explodi-lo, aí está o desejo de destruir-se. O iceberg representa essa identidade confusa, que não se estabelece, pois, deslocada de sua origem, já não faz sentido. Quando a voz de Nana, nos últimos capítulos, tenta soprar-lhe intuições, essa comparação torna-se ainda mais sugestiva, pois se descobre que o iceberg já não é mais feito de puro gelo antártico, como Gabriel

poderia supor. Trata-se de uma mistura, uma mescla adulterada, sem pontos fixos de identificação, tal como sua identidade:

Así que buscaron hielo local, lo mezclaron con el núcleo antártico y con hielo que fletaron por aire desde Noruega hicieron un menjunje, un buen cocido, casi como una cazuela, niño Gabriel, y acudieron a un genio de la iluminación quien con sus luces imitó el efecto azulino transparente del original. A mí se me ocurre que el Che cuenta este episodio porque quiere que tú creas que no estarías haciendo volar más que a una ilusión, un espejismo, dice él, más falso que la tumba de Colón que instalaron en la catedral de Sevilla. (DORFMAN, 1999, p. 402).

E, assim como o preparo de uma *cazuela*, ensinado pela babá, que reúne elementos de diferentes culturas, numa amálgama de sabores únicos, a resolução de seus conflitos poderá encontrar esse mesmo caminho: aceitar a mistura, as diferenças e distorções. Não há neste campo fixidez, as identidades não são puras: “Cazuela”, dice el Che. Ya voy comprendiendo. El encuentro de las gallinas y las zanahorias y las cebollas del viejo mundo con los vegetales y tubérculos del Mundo Nuevo, eso es lo que usted le está enseñando en forma secreta.” (DORFMAN, 1999, p. 404).

Gênero e identidade: estereótipos e identidade masculina

Stuart Hall (1996, p. 68) aborda o conceito de identidade como uma construção que nunca está completa, como um processo, constituído internamente, anterior às representações:

ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida, a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma “produção” que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação. (HALL, 1996, p. 68)

Para Hall (2006), as identidades estão sendo descentradas, deslocadas, fragmentadas. Na pós-modernidade, é possível verificar cinco principais acontecimentos que abalaram a estabilidade da identidade: as teorias marxista e freudiana; os estudos de Saussure e Foucault; e o movimento feminista, questionando as distinções das esferas públicas e privadas, politizando a subjetividade, discutindo a construção social das identidades dos gêneros, bipartindo a noção de “humanidade” para uma discussão da alteridade, a partir da questão da diferença sexual. Hall (2006, p. 68) enfatiza:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

As mudanças na estrutura social não oferecem mais aos sujeitos um lugar estável, uma

referência segura de pertencimento e identidade. Como consequência, Hall (2006) aponta o abalo da concepção que temos de nós mesmos como sujeitos integrados. Somados, ambos os abalos, consistem na chamada crise de identidade do sujeito pós-moderno. Assim, a identidade passa a construir-se a partir da instabilidade, da mobilidade, das incertezas. Sobre essa questão, Hall (2006, p. 10) esclarece que

esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. [...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas diferentes identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Verifica-se, então, a impossibilidade de estabelecer um único conceito sobre a identidade na pós-modernidade: este também é um espaço de incertezas. O que é possível é discuti-la sob a perspectiva de sua multiplicidade e de seu caráter sempre em transformação e, no contexto pós-moderno, observar que mesmo os conceitos podem ser móveis, abertos a transformações e às mais diversas abordagens.

Nesse sentido, é também possível considerar que, conforme Bourdieu (2007), as identidades de gênero são construções sociais, ainda que baseadas nas diferenças biológicas do corpo. Bourdieu (2007) afirma que a diferença biológica entre os sexos, entre os corpos e sua anatomia no que diz respeito aos órgãos sexuais passou a ser usada como justificativa natural de uma diferença socialmente construída entre os gêneros, o que repercutiu na divisão social do trabalho, e daí para as diferentes posições na hierarquia ocupada por homens e mulheres,

dado o fato de que é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas. (BORDIEU, 2007, p. 20).

Ainda que ao homem tenha sido atribuído o lugar mais alto nessa hierarquia, isso não pode ser considerado um privilégio, posto que há nesse processo uma violência simbólica, que impõe uma determinada identidade aos sujeitos masculinos, conferindo-lhes uma pesada carga na divisão social dos gêneros. Conforme Bourdieu (2007, p. 64),

o privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar em toda e qualquer circunstância, sua virilidade. [...] A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate, e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança), é acima de tudo, uma carga.

Nesse sistema de valores, é necessário que o homem afirme sempre sua virilidade, excluindo toda e qualquer característica que represente a face oposta: fragilidade, hesitação diante

da tomada de decisões, medo diante da disputa. Na medida em que necessita afirmar-se nesse grau de infalibilidade, o homem sofre para corresponder a expectativas tão altas, e desenvolve, muitas vezes o sentimento de fracasso diante de obstáculos praticamente intransponíveis. Nesse particular, de acordo com Bourdieu (2005, p. 65), “tudo concorre, assim, para fazer do ideal impossível de virilidade o princípio de uma enorme vulnerabilidade”.

O homem sente-se impelido a corresponder aos ideais de “masculinidade” culturalmente postos, sob pena de não ser aceito pelo grupo social e de não poder identificar-se como tal. É possível dizer que “os homens querem status perante os outros homens, conferido por recompensas materiais e associado a rituais de solidariedade masculina.” (GIDDENS, 1993, p. 71). Esses ideais de masculinidade, tais como a virilidade, podem ser entrevistados como busca recorrente da personagem Gabriel, de *La nana y el iceberg*. Na narrativa fica evidente o questionamento acerca da temática da conquista, da apropriação masculina: conquistar a territórios, espaços públicos, conquistar mulheres - a exploração, a apropriação de outros espaços e corpos.

Cristóbal McKenzie, pai de Gabriel, é a representação do conquistador – a referência ao nome do conquistador da América, Cristóbal, sugere desde logo uma aproximação de sentidos. Na juventude, aposta com o melhor amigo Pablo Barón que não passará um só dia, durante os próximos 25 anos, sem fazer amor com uma mulher. Barón, por sua vez, aposta na conquista do poder político, ao que se dedicará nos próximos vinte e cinco anos: “Apostaron lo que los hombres latinos siempre apuestan, la única cosa más importante que su dinero o sus mujeres o sus almas, ya que hablamos de cosas cruciales, más importante incluso que su propia madre. ¿Y eso es...? Su honor, su maldito, culeado honor, su orgullo.” (DORFMAN, 1999, p. 50).

Essa aposta custará a Gabriel a ausência do pai, pois Cristóbal não acompanhará Gabriel e Milagros no exílio em Nova York. No entanto, mais difícil que a ausência, será a excessiva presença através dos relatos de sua mãe: “A mí ló que me godia no era só ausencia sino su excesiva presencia.” (DORFMAN, 1999, p. 301). Gabriel cresce sob a sombra de um pai que é a encarnação do ideal de virilidade masculina, o conquistador, uma espécie de *Don Juan* moderno. Em muitas falas da personagem, é possível verificar sua angústia diante de um pai que, ao mesmo tempo em que não esteve próximo para ensinar-lhe as artes da sedução, o inibia com seu poder e habilidade para relacionar-se com as mulheres:

cada noche que él hacía el amor en Chile yo me abstenía en Nueva York, como si alguna deidad insana hubiese decretado que sólo unos de los dos McKenzies, padre o hijo, podía insertar su órgano en una vagina expectante y que sería siempre el progenitor y jamás su vástago. (DORFMAN, 1999, p. 69)

Gabriel acreditava que a “sombra” do pai era responsável por não conseguir fazer amor com Janice, sua primeira namorada. O fracasso sexual de suas primeiras experiências o atormentara durante quase uma década, pois, apesar de filho do grande conquistador, ainda era virgem. O jovem reconhecia, nessa virgindade, a representação de uma identidade infantil, de uma personalidade incompleta, já que se afastava cada vez mais das características esperadas para um homem:

la ausencia de un padre me había transformado en un nene mamón lactante, mi mismo padre estaba verificando esa intuición ahora mismo al decir: ¿Cara de guagua, eh? ¿y qué piensas de eso, Gabriel? ¿Te gusta este nombre? [...] Guagua es la palabra con que llaman los recién nacidos en Chile, Janice. Yo había pensado idiotamente que nadie en Chile notaría que mis facciones no maduraban, que no correspondían a mis años. (DORFMAN, 1999, p. 82).

Para a personagem, seus bloqueios em relação ao sexo, seu não-amadurecimento eram tributo dos segredos do pai. Gabriel acreditava que só ele poderia ensinar-lhe como conquistar uma mulher, como fazer amor com ela. Mas, ao regressar ao Chile, percebe que há uma distância entre os dois difícil de ultrapassar. Cristóbal é como um ídolo para o filho, e esse sentimento é gerador de inúmeros obstáculos nessa aproximação:

Me había gustado haberle soltado alguna gracia, haber imitado esa peculiar mezcla de urbanidad y lascivia de mi padre, pero no me asomó nada, ni un gemido lamentable. Era como si mi viejo se hubiese acaparado todas las palabras de Casanova del universo, dejándome la garganta seca y vacía. (DORFMAN, 1999, p. 88).

Entretanto, a captura do iceberg, a viagem que realizam juntos, e uma série de situações criadas por Gabriel, irmão, aos poucos, construindo a intimidade entre ambos:

Nuestra nave partió a la captura del iceberg el primero de noviembre de 1991, el Día de todos los Santos; yo partí con mi madre y mi padre a desde la ciudad más austral del planeta con el propósito secreto de levantar para siempre jamás – pensé que para siempre jamás – la maldición sobre mi vida norteña. (DORFMAN, 1999, p. 280).

Quando, finalmente, consegue a aproximação com o pai, percebe que seus conselhos e técnicas não lhe fizeram falta, ao longo da adolescência, e, sim, seu afeto, sua proximidade como um ser real e falível, pois a atenção que ora lhe fora dispensada, conferira-lhe uma segurança nunca antes sentida. Assim, sua identidade poderia ser construída daí em diante, sobre essas bases:

Fue entonces que sentí... quiero que sepas que, fue algo que sentí físicamente, mi Janice tan salaz, sentí que mi cara comenzaba a cambiar como si el calor que emanaba del gran McKenzie la estuviera esculpiendo. No es que madurara, esta cara mía, no era cosa de edad sino más bien de que se estaba enamorando de sí misma, aceptando que era una maravilla que yo tuviera tanta inocencia en mis facciones. Fue entonces que supe de nuevo lo que había sabido ese día que corrí rumbo a la cordillera y llené mis pulmones con el aire poluto de Santiago, supe que dentro de esa semana Amanda Camila sería mía. (DORFMAN, 1999, p. 324).

Como contraponto a esses valores, apresenta-se a figura da babá. Nana, através de seu afeto, tenta evitar que Gabriel fique na dependência deste pai, que tenha sua identidade atrelada a Cristóbal McKenzie. Através dos ensinamentos de como fazer uma *cazuela*, revela ao jovem outras formas possíveis de ser e de resolver os conflitos de sua busca. No entanto, Gabriel irá trair-se. Sua fascinação por Amanda Camila o leva a querer conquistá-la de todas as formas, e, para isso, a ajuda do pai é fundamental. Mas, nesse intento, esquece os valores ensinados pela babá. Seus caminhos tornam-se confusos, e as mentiras, constantes. Ao ver-se envolvido em sérios conflitos, tais como o

envolvimento sexual com a suposta irmã, que o leva a deixar a velha babá morrer sozinha, a culpa começa a arruinar-lhe a personalidade. Também a revolta por sentir seu destino manipulado por todos a sua volta: Cristóbal, Barón, Milagros. Como última tentativa de deixar sua marca, pretende explodir o iceberg e suicidar-se. Também pretende levar consigo seus “dois pais”, Cristóbal e Barón. Para ele que não consegue encontrar-se, o suicídio passa a ser o único caminho possível. Já a explosão do iceberg passa a ser uma espécie de homenagem à Nana, que não concordava com sua exposição e o que ele representava. A morte dos pais é a única libertação possível para que seja ele mesmo.

É possível perceber o quanto os papéis sociais esperados que os homens vivenciem pode tornar-se uma carga pesada demais na construção de suas identidades. A questão da virilidade passa a ser não uma possibilidade para as identidades masculinas, e sim uma imposição que impede, muitas vezes, que outras características do sujeito venham à tona, gerando frustração e incompletude.

O duplo: eu e o outro na construção da identidade

O fenômeno do duplo surge em muitas narrativas em que as questões identitárias são representadas. Para o sujeito em vias de construir-se como tal, a busca empreendida é cercada de desafios, inquietações e conflitos. Muitas são as fugas, as formas de evadir-se para não deparar-se com o peso do real, com os aspectos falhos ou amedrontadores da personalidade. Muitas vezes, surge como uma espécie de outra face possível, causando fascinação por parte da personagem, ou desejo de aniquilamento. Mello (2000, p. 122) afirma:

percebe-se nas narrativas contemporâneas, que o fenômeno do duplo surge como representação de uma cisão interna. Revela-se seguidamente como uma experiência inquietante, em que o sujeito se vê como outro em face de um ser com quem muito se parece. Esse encontro pode provocar angústia, mal-estar e medo, nem sempre passíveis de se equacionar. Pode significar também o encontro necessário para solucionar a divisão interna e levar ao alcance da unidade.

O duplo, também, pode delinear-se como um modo de o sujeito conhecer-se, face a face, com a alteridade, com seu reverso, poderá então como num espelho, ver-se de forma mais real. Sobre isso, Mello (2000, p. 123) ressalta que “é na alteridade, revelada em diferentes situações, que o Eu descobre faces inusitadas de si mesmo”. O duplo, geralmente, irá surgir no percurso do sujeito em momentos de profundo conflito interno, representando, muitas vezes, um ideal do que a personagem não consegue alcançar, a vida que ele almeja viver, mas que se apresenta angustiosamente inatingível. A ideia do duplo, conforme Rosset (1988), aproxima-se da noção de finitude do sujeito, de morte; não necessariamente a morte física, mas a ideia de uma ausência de vida, ausência da própria existência, uma espécie de dúvida acerca de seu lugar no mundo, de quem é, de sua própria inconsistência:

é verdade que o duplo é sempre intuitivamente compreendido como tendo uma realidade ‘melhor’ do que o próprio sujeito – e ele pode aparecer neste sentido como representando uma espécie de instância imortal em relação à mortalidade do sujeito. Mas o que angustia o sujeito, muito mais do que sua morte próxima, é antes de tudo sua não-realidade, a sua não-existência. Morrer seria um mal menor se pudéssemos ter como certo que ao menos viveu; ora é desta vida mesma por mais perecível que por outro lado possa ser, que o sujeito acaba por duvidar no desdobramento de personalidade. No par maléfico que une o eu a um outro fantasmático, o real não está ao lado do eu, mas sim do lado do fantasma: não é o outro que me duplica, sou eu que sou o duplo do outro. Para ele o real, para mim a sombra. ‘Eu’ é ‘um outro’, a verdadeira vida está ‘ausente’. (ROSSET, 1988, p. 64).

Assim, o surgimento do duplo na narrativa revela essa fragilidade da identidade da personagem, essa dúvida acerca de sua real existência. “A solução do problema psicológico colocado pelo desdobramento da personalidade não se encontra, portanto, ao lado da minha mortalidade, que é, de qualquer modo, certa, mas, ao contrário, ao lado da minha existência, que aparece aqui como duvidosa. (ROSSET, 1988, p. 65). Para Gabriel McKenzie, toda sua existência é questionada e questionável. Desde sua concepção, até o adulto que não conseguia firmar-se, tudo em sua vida se apresentava tênue, vago, no limite da não-existência:

siempre había tenido la sensación precaria de que había estado a punto de no existir y ahora mamá me certificaba que yo en realidad no era más que un accidente, un “problemita”. Me di cuenta de que era efectivo que de no haber sido la muerte del Che mi papá nunca me hubiera ido a la protesta ni si hubiera cruzado con ella, ni menos aun hubiera echado a andar esa apuesta al otro día. Y de no haber sido por el Che pudriéndose en la tierra de Vallegrande, Pablo nunca hubiera tenido la ocasión de sugerir que se casaron. Lo que mi madre me estaba notificando era que ella estuvo a punto de abortarme. (DORFMAN, 1999, p. 51).

O jovem busca algo com que se identificar, pontos de referência para que possa ancorar sua identidade ainda pouco definida. Busca ser algo que não é, uma idealização do que acredita que deveria ser. Nessa busca, o encontro com Max, possível duplo, representa um momento angustiante, pois o “outro” encarna todas as características que Gabriel gostaria de ter: conhecimentos, escolhas, identificações. “A verdadeira infelicidade, no desdobramento de personalidade, é no fundo jamais poder de fato desdobrar-se: o duplo falta para aquele que o duplo persegue.” (ROSSET, 1988, p. 66). Gabriel sente sua vida roubada por Max. Ele representa tudo que Gabriel deseja ser. E isso é o mais doloroso, pois Max é tudo que Gabriel não consegue ser: “El tipo era brillante, era todo lo que yo hubiera querido ser, sabía todo lo que yo debía haber sabido acerca de los onas y del hielo y del Chile y de las mujeres.” (DORFMAN, 1999, p. 263). Gabriel reforça esse sentimento quando afirma:

Max me había robado la vida dos veces y si en la primera ocasión, cuando nos cruzamos en el aeropuerto, él llegando y yo yéndome, ambos con seis años de edad, ese robo había sido apenas una casualidad del destino, esta segunda vez, ahora que los dos éramos adultos, la responsabilidad era enteramente mía, fue yo mismo que pavimenté el camino. (DORFMAN, 1999, p. 367).

Diante de Max, Gabriel percebia suas fraquezas, toda a dor de não existir verdadeiramente:

en ninguna de esas ocasiones llegó a entender como ahora lo hacía hasta que punto estábamos el uno enmarañado en el otro. Algo le hizo amanecer en el cerebro que él bien podría haber sido este ser que lo miraba en forma tan desolada, que mi dolor pudo haber sido el suyo, que un destino bifurcado que ni él ni yo controlábamos nos había intercambiado, dando a él la alegría de ser quien era y a mí la miseria de llamarme Gabriel McKenzie. Así se habían repartido las cartas, y era así como iban a seguir las cosas, de eso se aseguraría Max Behrends. (DORFMAN, 1999, p. 368).

Max e Gabriel compartilharam os mesmos dramas: o exílio, o conflito com a figura paterna. No entanto, as escolhas os levaram a vidas opostas. Max, ao contrário de Gabriel, não era mais um exilado, havia rompido com o pai e traçava seu próprio destino livre de amarras do passado. Entrever essas possibilidades, para Gabriel, era divisar uma vida que poderia ser diferente, que poderia ser a sua, mas que, cada vez mais, se tornava inalcançável. Assim, passa a engendrar a ideia do suicídio, como alternativa de burlar as regras de um jogo que não mais lhe convinha, como forma de libertar-se dessa “não-existência”, pior mesmo que a própria finitude.

Os momentos de encontro com Max são sempre reveladores, e Gabriel, ao fim, conclui que, enquanto para ele só restara a sensação de não-pertença, de não-existência, de não contar com nenhum solo sagrado ao qual poderia chamar de seu, para o outro estava reservada a felicidade, o sentimento de pertença, a coragem de eleger um caminho, de romper com o pai, com a história infeliz da infância para crescer e assumir-se como um sujeito pleno.

Considerações finais

A busca identitária de Gabriel McKenzie revela-se um labirinto, e, como tal, a multiplicidade de caminhos e escolhas faz-se evidente: romper com o passado, aceitá-lo, reescrevê-lo? Incorporar a identidade chilena, a norte-americana, ou ambas? Identificar-se com o pai, em seus ideais de masculinidade, ou aceitar as tantas possibilidades de sua personalidade, apresentadas pela babá? Suicidar-se com a explosão do iceberg, ou renascer, a partir desse momento, buscando outras vivências e possibilidades?

Muitos são os encontros na sua trajetória que permitem diferentes escolhas: a relação conflituosa com o pai, a duplicidade que experimenta diante de Max, o amor idealizado por Amanda, o reencontro com suas origens – familiares, ancestrais, regionais – através da sua Nana. Também há, nesses encontros, a possibilidade de conciliação, que inicialmente a personagem não percebe, por estar obstinada em escolher apenas um caminho como solução para suas questões. O que Gabriel não compreende, mas que se evidenciará, é a necessidade de aceitar a mescla de diferentes aspectos, sentimentos e culturas, atuando em sua construção identitária. Não seria essa uma característica atribuída a uma possível identidade latino-americana?

De qualquer modo, a *cazuela* ensinada pela babá configura-se como metáfora da possibilidade de equacionar todos esses conflitos: a multiplicidade, a amálgama, a mistura, posto que

a identidade não possui fixidez, tampouco pureza ou componentes que se excluam, constituindo-se em possibilidade de incorporar diferentes características, assumir os mais variados papéis, afastando a angústia das escolhas baseadas na rigidez de alguns sistemas sociais.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- DORFMAN, Ariel. *La Nana y el iceberg*. Santiago del Chile. Editorial Seix-Barral, 1999.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- _____. Identidade cultural e diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, p. 68-75, 1996.
- _____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HANCIAU, Nubia Jaques. O entre-lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- JOACHIMSTHALER, Jürgen. A literarização da região e a regionalização da literatura. *Antares* (Letras e humanidades), n. 2, jul/dez 2009. Caxias do Sul, p. 27-60.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. As faces do duplo na literatura. In: INDURSKY, F.; CAMPOS, M. do C. (Org.). *Discurso, memória e identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, p. 111-123.
- NAVARRO, Márcia Hoppe. Re-escrevendo o feminino: a literatura latino-americana atual em perspectiva. In: LIMA, T. M. de O.; MONTEIRO, M. C. (Org.) *Figurações do feminino nas manifestações literárias*. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.
- ROSSET, Clément. *O real e seu duplo*. Ensaio sobre a ilusão. Porto Alegre: L&PM, 1988.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 11-28.

Aline Dalpiaz Troian

Licenciada em Letras, com Habilitação em Língua e Literatura das Línguas Portuguesa e Espanhola, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mestranda em Letras no Programa de Pós-Graduação Mestrado em letras, Cultura e Regionalidade. Professora no Serviço Social da Indústria (Sesi). Entre seus interesses destacam-se os Estudos Culturais de Gênero, História e Regionalidade e Literatura Latino-americana.
E-mail: aline.dalpiaz@hotmail.com

Salete Rosa Pezzi dos Santos

Doutora em Letras-Literatura Comparada, pela UFRGS. Professora e pesquisadora no Curso de Letras e no Programa de Pós-graduação *stricto sensu* da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Entre outros, é co-organizadora de *Mulher e literatura: história, gênero, sexualidade*; de *Da tessitura ao texto: percursos de crítica feminista*; autora da obra *Duas mulheres de letras: representações da condição feminina*. Publica artigos em livros, revistas e periódicos acadêmicos. E-mail: srpsanto@ucs.br

Recebido em 15 de setembro de 2011.

Aceito em 20 de novembro de 2011.